



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



UNESCO Chair in
The Ocean's Cultural Heritage
Portugal



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA

[3]

OCEANICA

FICHA TÉCNICA

Oceanica – Newsletter da Cátedra
UNESCO “O Património Cultural
dos Oceanos”, n. 3 (julho, 2017)

Coordenação editorial
Joana Gaspar de Freitas (IELT)

Equipa de edição
Anabela Gonçalves (IELT)
Carla Veloso (CHAM)
Carolina Vilardouro (IELT)
Diana Barbosa (IHC)
Joana Gaspar de Freitas (IELT)
Ricardo Naito (IEM)

Design e edição fotográfica
Carla Veloso (CHAM)
Ricardo Naito (IEM)

Fotografia da capa
Praia do Barril,
Sérgio Magro Jacinto

*Email para o envio de informações,
notícias e sugestões de divulgação*
oceanheritage.news@fchsh.unl.pt

Website da Cátedra UNESCO
“O Património Cultural dos
Oceanos”
www.cham.fchsh.unl.pt/ext/catedra

PROJECTO SEAPUBLIC

Políticas públicas e a economia marítima portuguesa, 1900-2015

O IHC – Instituto de História Contemporânea (Universidade Nova de Lisboa) e o CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Universidade de Coimbra) estabeleceram uma parceria para pôr em marcha o projecto “SEAPublic: políticas públicas e a economia marítima portuguesa, 1900-2015”, coordenado pelo investigador Álvaro Garrido.

Este projeto interdisciplinar procura abrir novas vias de investigação e de análise para a História Marítima Contemporânea, um território de estudo ainda incipiente em Portugal, alimentando o debate público sobre o papel da «nova economia marítima» para o desenvolvimento económico. O seu objetivo é ter um papel atuante na produção de discursos sobre políticas marítimas numa perspetiva histórica, identificando mudanças e persistências na longa duração. A análise de história comparada inclui os casos da historiografia britânica (Inglaterra) e de Espanha (Galiza).

O SEAPublic visa ainda a larga disseminação educativa junto de jovens investigadores e pretende produzir vários instrumentos dirigidos ao apoio da produção de políticas marítimas no contexto da renovação e crescimento da economia portuguesa. O projeto fará uma ampla partilha de resultados com a comunidade académica e com os centros de decisão da sociedade civil, quer da esfera pública, quer da privada.

Para atingir os objetivos propostos foram estabelecidas parcerias com outros centros de investigação europeus e instituições portuguesas, nomeadamente o Maritime Studies Historical Center (Universidade de Hull, Reino Unido), o Instituto de Estudios Marítimos (Universidade de La Coruña, Espanha), o Departamento de Xeografía e Historia (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha), o Ministério do Mar e a Direcção Geral de Política do Mar (Portugal).

Álvaro Garrido

UM INVESTIGADOR E A SUA OBRA

Maria Inês Queiroz

Maria Inês Queiroz é investigadora no IHC – Instituto de História Contemporânea e tem uma tese de doutoramento sobre a *História da Companhia Portuguesa Marconi na rede mundial das comunicações (1906-1936)*. Este trabalho insere-se na dinâmica de projetos anteriores em que esteve envolvida, relacionados com a História da Ciência e Tecnologia, redes das telecomunicações, organização científica e políticas científicas, sendo de destacar a História do Instituto Camões (1929-2009) e a História das Telecomunicações em Portugal (1853-2007). Neste momento a sua investigação centra-se no papel que Portugal teve na preservação dos cabos transatlânticos, numa visão histórica, arquivística, como uma herança cultural global, de forma a trazer novos contributos para o processo de valorização material e cultural destas redes de comunicação submersa nos Oceanos.



AS PRAIAS DE PORTUGAL

Espinho

Ramalho Ortigão dizia, em 1876, que Espinho era a mais estimada das praias, aqueles que a frequentavam não admitiam comparação com nenhuma outra. O núcleo urbano dividia-se então em dois bairros, o novo e caro, dos banhistas, e o velho e pobre, dos pescadores. A vida social era animada, durante o verão, por causa dos que ali vinham a banhos.

Mas, já então, Espinho era devorada pelo mar. Este, em dias de tempestade, galgava a praia e vinha destruir as construções ali erguidas. Primeiro, os palheiros, as casas de madeira dos pescadores, depois os prédios de rendimento, de quem tinha mais posses. O desastre era tão significativo que se pediu a intervenção do governo. Fizeram-se estudos: não se sabia o motivo, não se conseguia travar as “invasões do mar”, como lhes chamavam. Em 1911, construíram-se os primeiros esporões. Ao longo do século XX, outras estruturas de engenharia costeira - mais robustas - foram necessárias para proteger a cidade. O fenómeno que destruiu toda a parte antiga de Espinho, e que se designa por “erosão costeira”, não desapareceu, está apenas contido pelas grandes estruturas de pedra. Se estas não forem mantidas - o que custa milhões - a cidade ficará outra vez em perigo. Pode ler mais em: www.redebraspor.org/livros/2013/Braspor%202013%20-%20Artigo%206.pdf



▲ Espinho – *Ilustração Portuguesa*, 5-12-1904.

NOTÍCIAS E EVENTOS

FORMAÇÃO: HISTÓRIA DA MARINHARIA E DAS NAVEGAÇÕES PORTUGUESAS
25 e 27 de agosto, 2017

A CIDH – Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização, iniciativa da Universidade Aberta e do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, criou uma ação de formação sobre a História da Marinharia e das Navegações Portuguesas, dirigida pelo Comandante António Costa Gomes, que se realizará entre os dias 25 e 27 de agosto, em alto mar, a bordo da Caravela Vera Cruz. Contacto: cidh.global@gmail.com

EXPOSIÇÃO: MAR MINERAL – CIÊNCIA E RECURSOS NATURAIS NO FUNDO DO MAR
De julho de 2017 a julho de 2018

A exposição “Mar Mineral – Ciência e Recursos Naturais no Fundo do Mar” foi inaugurada a 13 de julho, no MUHNAC – Museu Nacional de História Natural e da Ciência, e contou com a apresentação do Professor Andy Wheeler (University College Cork, Irlanda), acerca da descoberta do campo hidrotermal Moytirra, na região da Extensão da Plataforma Continental a Norte dos Açores. Esta exposição é dedicada a Mário Ruivo (1927-2017), insigne oceanógrafo. Mais informações em: <https://ciencias.ulisboa.pt/pt/evento/13-07-2017/mar-mineral-ci%C3%A2ncia-e-recursos-naturais-no-fundo-do-mar>

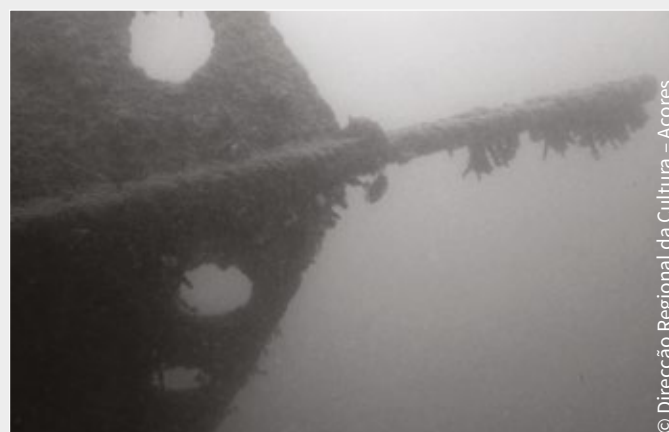
ARQUEOLOGIA MARÍTIMA

Parques arqueológicos subaquáticos: o caso de Angra do Heroísmo (Açores, Portugal)

A classificação do PASA – Parque Arqueológico Subaquático da Baía de Angra do Heroísmo, localizada na ilha Terceira, nos Açores, constituiu uma iniciativa pioneira em Portugal por ter possibilitado classificar pela primeira vez uma grande área marítima pelo seu potencial arqueológico subaquático. Esta baía, outrora o porto mais importante do arquipélago dos Açores por ter sido abrigo e suporte de inúmeras embarcações que ao longo da expansão marítima dos séculos XVI e XVIII cruzavam o Atlântico, foi também palco de muitos naufrágios causados por tempestades ou infelizes manobras do navio. Cientes do grande valor histórico e arqueológico, mas também da fragilidade deste local, a Direção Regional da Cultura tomou a iniciativa de em 2005 classificar a baía como PASA prevendo ainda a criação de duas zonas visitáveis, passíveis de serem usufruídas pelos mergulhadores, criando também uma mais-valia ao nível do turismo cultural. Estes dois locais visitáveis são o *Lidador*, um naufrágio do séc. XVIII, depositado numa zona baixa muito próxima da orla da cidade, e o *Cemitério das Âncoras*, que corresponde ao antigo ancoradouro dos sécs. XVI-XVIII.

Mais informação em: www.culturacores.azores.gov.pt/pasa

Ana Catarina Garcia



COMUNICAR O PATRIMÓNIO

Costa de Lavos – Praia Pedagógica

No litoral a sul da Figueira da Foz fica a praia da Costa de Lavos. A Casa dos Pescadores local deu início, há cerca de dois anos, a um projeto pedagógico que tem como objetivo dar a conhecer os saberes do mar e as tradições daquela aldeia piscatória.

As visitas lúdico-pedagógicas destinam-se a grupos organizados de todas as idades. Primeiro, há uma conversa sobre a vida na aldeia, depois visita-se o ecossistema costeiro dunar. Segue-se uma passagem pela Casa dos Pescadores e pela oficina da pesca, onde os homens do mar mostram, por exemplo, como se fazem as redes. Por fim, com as companhas de pesca, na praia, aprende-se a conhecer a faina: como se lançam as redes, as espécies pescadas e o dia-a-dia dos pescadores.

Esta iniciativa já recebeu mais de 3000 pessoas, contribuindo para a difusão da herança cultural marítima das povoações da costa portuguesa e para que os saberes dos homens e das mulheres que vivem do mar não se percam.

Para saber mais: www.facebook.com/costadelavospriapedagogica

